

Coordenação e edição de Ana Teresa Alves (FCSH-UAç)

25 de Abril, sempre!

Autor:

Ana Paula Pires (FCSH-UAç)

Foi no dia 25 de Abril de 1974, uma quinta-feira, que um golpe militar, liderado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA) colocou um ponto final a 48 anos de ditadura em Portugal, abrindo caminho, primeiro, para a Revolução Portuguesa (1974-1975) e, depois, para a democracia, institucionalizada pela Constituição de 1976. A operação "Fim de Regime" foi posta em marcha ao som de "E depois do Adeus" e "Grândola, vila morena", as duas senhas escolhidas para que os militares que se encontravam em vários quartéis da cidade de Lisboa mobilizassem, tomando vários pontos estratégicos da capital portuguesa, desde o Terreiro do Paço até ao Largo do Carmo. Marcelo Caetano, presidente do Conselho de Ministros, tinha-se refugiado no Quartel do Carmo, onde, mais tarde, acabaria por se render, sob escolta do capitão Salgueiro Maia, rumo ao exílio, no Brasil. O MFA procurava, através de uma mudança de regime, resolver o descontentamento crescente que se fazia sentir perante uma guerra colonial - travada em Angola, Moçambique e na Guiné, iniciada em 1961 - que não só não dava sinais de chegar ao fim, como estava longe de ser ganha pelas tropas. Os capitães passaram, então, a defender o termo do conflito e a existência



Mural alusivo a Salgueiro Maia da autoria de Tamara Alves, Sara Fonseca da Graça, Moami e Mariana Malhão, localizado na Avenida de Berna, em Lisboa.

de uma solução negociada tendo em vista a independência dos povos africanos, bem como o fim do Estado Novo e a implantação da democracia em Portugal. Assim que ficou claro que se tratava de um golpe militar de natureza antifascista, o povo acorreu às ruas de Lisboa, dirigindo-se à Rua António Maria Cardoso, onde se situava a sede da polícia política - PIDE-DGS. O entusiasmo era grande, transversal a vários níveis da sociedade portuguesa, e esteve na origem de um verdadeiro movimento revolucionário de massas, que pela

força da rua conquistou liberdades, a democratização política e a destruição do aparelho repressivo que o Estado Novo tinha construído desde 1933. No dia 26 de Abril, nos estúdios da RTP, o general António de Spínola, líder da, recém-constituída, Junta de Salvação Nacional, leu o Programa do Movimento das Forças Armadas, documento que proclamava a instituição de liberdades individuais e

coletivas, a libertação dos presos políticos, o regresso dos exilados, a extinção de todos os organismos do Estado Novo, o fim da guerra colonial e a realização de eleições livres, por sufrágio direto, para a Assembleia Nacional Constituinte. Com as eleições de 25 de Abril de 1975, acabaria por haver uma extensão do direito de voto: além de ser reconhecido aos maiores de 18 anos e analfabetos, deixou de haver qualquer restrição relativamente a questões de género e de natureza económica. O Estado Novo tinha caído e a Revolução, saída da rua, rapidamente se estendeu às empresas, à banca, à habitação, abrindo caminho para o PREC e lançando as bases do Portugal democrático.

É a tua vez

1. Constrói uma cronologia dos momentos mais marcantes do golpe de Abril de 1974.
2. Recolhe testemunhos de familiares ou amigos que tenham vivido o 25 de Abril de 1974 e regista-os num diário.
3. Recolhe na imprensa da época notícias sobre a forma como a Revolução foi vivida no arquipélago dos Açores.
4. Faz um pequeno texto sobre o que significa ser livre nos dias de hoje.



MFA, Povo - Povo, MFA de João Abel Manta (1975).

Leituras

Para saberes mais o fim do Estado Novo e o golpe militar de Abril de 1974, sugerimos-te o livro **Era uma vez o 25 de abril**, de José Fanha. Para além do texto, tem fotos alusivas a esse dia e aos seus protagonistas, bem como imagens de cartazes e autocolantes que marcaram os tempos que se seguiram à revolução.

